

## A CODIFICAÇÃO DA REFERÊNCIA DEFINIDA POR CRIANÇAS

**Aluno: Henrique Meirelles de Andrade Silva**  
**Orientadora: Letícia M. Sicuro Corrêa**

### **I – Introdução/Justificativa:**

A aquisição de uma língua materna requer a identificação das distinções de natureza conceptual e intencional, tomadas como gramaticalmente relevantes. As distinções de caráter conceptual-intencional pertinentes à referência a entidades estão vinculadas à representação de categorias funcionais do léxico como D (Determinante) e Num (Número gramatical). *Definitude* apresenta-se como um traço semântico/formal que codifica na língua informação que possibilita a identificação do referente por parte do ouvinte. Fatores como totalidade da referência aos elementos de um conjunto ou unicidade da referência afetam o modo como a definitude será expressa no sintagma determinante (DP). Além disso, a codificação da referência definida envolve uma tomada de posição por parte do falante relativa ao estado de conhecimento do ouvinte. No caso da criança, essa habilidade encontra-se também em desenvolvimento, no que concerne à Teoria da Mente (ToM) - capacidade que permite inferir estados mentais (i.e. sentimentos, desejos, crenças e intenções) dos outros e de si mesmo (Premack & Woodruff, 1978).

Estudos com crianças que adquirem o inglês e o francês revelam que, aos três anos, estas se comportam de forma pouco sistemática com relação ao uso de determinantes, havendo uma tendência para o uso do artigo definido em contextos não apropriados, sendo que a partir dos quatro anos o uso de determinantes se aproxima do padrão adulto (Maratsos, 1976); (Karmiloff-Smith, 1979). Estudos recentes, na perspectiva da teoria lingüística minimalista, sugerem que identificar as marcas específicas de definitude na língua pode acarretar variações entre línguas no desenvolvimento da habilidade de lidar com a referência (Munn & Schmitt, 2005; Pérez-Leroux et al., 2004) O PB (Português Brasileiro) apresenta-se de forma pouco consistente para a criança no que se refere à referência definida. Por exemplo, ao dizer *vou lavar a mão*, o falante do PB está se referindo a ambas as mãos. Assim sendo, unicidade da referência pelo artigo definido singular pode não encontrar uma expressão clara para a criança que adquire o PB. Além disso, o fato de ter de levar em conta o estado de conhecimento do ouvinte pode entrar em conflito com a codificação de totalidade/unicidade da referência. Por exemplo, se o falante crê que o ouvinte não sabe que há uma formiga no universo de discurso em questão, deve dizer “o cachorro mordeu uma formiga”. No entanto, se este privilegiar totalidade ou unicidade da referência (se só há uma formiga no contexto), poderá dizer “o cachorro mordeu a formiga”. Estudo preliminar com falantes adultos de PB investigou como esse conflito seria resolvido e constatou-se que o conhecimento compartilhado é privilegiado.

Neste estudo, busca-se verificar de que modo a criança concilia os fatores acima mencionados ao descrever um evento. Um experimento foi planejado para este fim e encontra-se em processo de execução. Essa pesquisa mostra-se relevante para uma teoria da aquisição da linguagem que leva em conta a interação entre a língua e sistemas conceituais/intencionais como determinante de habilidades pertinentes à referência, contribui para um maior conhecimento do PB e, de um ponto de vista aplicado, provê resultados que podem facilitar o entendimento do desempenho lingüístico de crianças e a identificação de possíveis dificuldades de linguagem.

### **II – Objetivos:**

Verificar como a criança compõe a referência a uma entidade animada por meio de um DP complemento, levando em conta totalidade, numerosidade e conhecimento compartilhado.

### III - Metodologia

A metodologia é experimental, própria do estudo psicolinguístico da aquisição da linguagem e o paradigma da produção induzida por meio de ações com brinquedos é utilizado. No experimento em execução, as variáveis independentes são: *compartilhamento de conhecimento* (compartilhado/ não compartilhado), *totalidade da referência* (referência a todos / alguns elementos de um conjunto) e *numerosidade* (referente único / múltiplo), como medidas repetidas e *idade* como fator grupal (Grupo de 12 crianças de 2-3 anos e de 12 crianças de 4-5 anos). Este *design* deu origem a oito condições experimentais e 3 situações-estímulo foram criadas para cada condição, num total de 24 situações-estímulo divididas em 3 blocos contendo uma situação-estímulo por condição. O material consiste de: dois fantoches, Dedé (masculino) e Lili (feminino), sendo esta vendada, um “piso” de cartão (30 X 50 cm) e vários brinquedos em forma de animais de maior porte, com um exemplar de cada tipo (como cachorro, macaco, gato, vaca, sapo, porco,) e vários brinquedos em forma de animais de pequeno porte, em conjuntos de até 6 elementos (como formigas, abelhas, borboletas, joaninhas). Utilizando-se os brinquedos previamente apresentados à criança, o experimentador encena, no piso de cartão, uma determinada situação (Ex.: *A borboleta beijou a gata*), pedindo à criança que conte a um dos fantoches o que ela acabou de ver. Após a encenação, cabe ao experimentador dizer à criança a quem a informação será direcionada. Desta forma, ora a criança direcionará a informação ao fantoche vendado, ora ao fantoche não-vendado. A primeira variável dependente considerada é o número de respostas esperadas com base comportamento do adulto. As demais serão definidas em função das estratégias predominantes no comportamento das crianças.

### IV - Conclusão

A testagem encontra-se em andamento. Resultados parciais sugerem que crianças de três anos tendem a utilizar o artigo definido independentemente de o referente corresponder a um subconjunto do conjunto de animais na situação encenada, usam de numerais para diferenciar referência parcial e total e apenas algumas parecem levar em conta o estado de conhecimento do ouvinte, ainda que de forma pouco consistente. Essa testagem, uma vez concluída, deverá ser seguida de experimento de compreensão com vistas a verificar em que medida distinções não estabelecidas na fala são percebidas pela criança.

### V – Referências

- KARMILOFF-SMITH, A 1979. **A functional approach to child language: A study of determiners and reference**. Cambridge: University Press.
- MARATSOS, ML. 1976. **The use of definite and indefinite reference in young children**. Cambridge: University Press.
- MUNN, A. & C. Schmitt (2005) Number and indefinites. *Lingua* **115**, 821-855. .
- PÉREZ-LEROUX A.T., A. Munn, C. Schmitt & M. DeIrish (2004) Learning definite determiners: Genericity and definiteness in English and Spanish. **Supplementary Proceedings of the Boston University Conference on Language Development BUCLD**, 2003.
- PREMACK, D. and WOODRUFF, G. (1978). *Does the chimpanzee have a theory of mind?*, **Behavioral and Brain Sciences**, 4:515.526.